

## NARRATIVAS DE VIOLÊNCIAS VIVENCIADAS POR UM PAI DE SANTO NEGRO, GAY E DE CLASSE POPULAR

NILIO BARBOZA CARVALHO<sup>1</sup>  
MARCOS LOPES DE SOUZA<sup>2</sup>

### Introdução

Este artigo decorre do trabalho de dissertação de mestrado, ainda em andamento, do primeiro autor deste texto. Tem-se como propósito identificar e analisar os preconceitos e violências vivenciados por pais de santo negros, gays e de periferia na cidade de Jequié/BA.

Enquanto pai de santo, negro e gay, o primeiro autor deste trabalho vivencia muitas situações de discriminação. Tomando como parâmetro os pais de santo do candomblé, muitos deles se reconhecem como gays e não se sentem constrangidos em assumir suas homossexualidades. Santos (2009) destaca que, desde o século XIX existem registros a respeito da associação entre homossexualidade masculina e religiões afro-brasileiras. No entanto, há um pensamento de que o pai de santo negro e viado depõe contra o candomblé, o estigmatiza como uma religião de negro e bicha. Esse pensamento cisheteronormativo deseja normalizar o gay.

Por meio de leituras de Pinho (2008) e Malungo de Souza (2013), analisamos que o primeiro escritor do presente trabalho, por ser um pai de santo negro, gay e de classe popular, também é visto como aquele que tem uma sexualidade incontrolável, uma performance sexual ativa e, portanto, uma sexualidade marginal, sobretudo para a sociedade branca, cristã e cisheteronormativa. Essa hipersexualidade do homem negro gay ou hetero também é vista como uma ameaça, especialmente para os brancos. Por isso, muitas vezes, deseja-se controlá-los.

As diversas violências sofridas pelos pais de santo, negros e gays, como, o olhar acusatório, a humilhação, os xingamentos, o descrédito religioso e a violência física em si, ocorridas nos espaços de terreiro e fora deles, têm sido enfaticamente

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, BA.

<sup>2</sup> Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié, BA.

um dos fatores de inquietação para nós e temos percebido que ainda são poucos os trabalhos em que acontecem esses debates. A ausência dessas discussões corrobora para que os preconceitos se reafirmem cotidianamente no espaço de terreiro e, mormente, também fora dele.

Os dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), sobre os assassinatos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais (LGBTI+) no Brasil, destacam que, em 2020, as 237 vítimas de mortes violentas ocupavam uma diversidade de 33 profissões e/ou ocupações entre os LGBTI+. As cinco profissões ou ocupações mais presentes foram: as(os) profissionais do sexo, com 46 mortes (44,7%); cabeleireiros, com 11 (10,67%); professores, com 9 (8,7%); autônomo, com 3 (2,9%); mãe e pai de santo, com 3 (2,9%). Percebemos o quanto ser pai ou mãe de santo intensifica a vulnerabilidade e a violência que os acomete (GASTALDI et al., 2021).

Com base no que foi apresentado até o momento, este texto pretende apresentar e discutir algumas narrativas vivenciadas pelo primeiro autor deste trabalho, autoidentificado como pai de santo, negro e gay.

## **Metodologia**

Este artigo se pauta na perspectiva decolonial, dessa forma questiona e contesta o saber advindo do colonizador que se tornou referência frente aos saberes dos colonizados. Fanon (2008) nos aponta que a colonização naturalizou os valores culturais advindos do colonizador, no Brasil dos povos europeus, tomando-os como referência e produzindo os valores das demais populações como inferiores e marginais.

Mignolo (2017) nos diz que a colonialidade se apresenta como uma forma colonial de poder atrelada a um pensamento da modernidade que, inclusive, justificou as formas de violências cometidas contra os povos que foram colonizados, pois esses eram vistos como primitivos, atrasados e inferiores. Este mesmo autor aponta que a decolonialidade se origina no Terceiro Mundo, nos países que foram colonizados, como uma resposta ao projeto colonial. A decolonialidade não é apenas uma escolha de referencial acadêmico, é uma nova opção para pensar, falar e agir.

A colonialidade do saber e poder traz as religiões de matriz africana como uma expressão demoníaca e atrasada de interação com a ancestralidade. Por

isso, assumimos a decolonialidade como uma reação a esse pensamento e ações coloniais, brancas e cristianizadas.

Diante disso, ser um pai de santo negro, gay e de classe popular é resistir a tudo isso no seu dia a dia, na produção do seu corpo, na sua forma de pensar, falar e no seu agir. É dizer não ao projeto colonial e resistir a ele todos os dias da sua existência.

Para construir essas análises, nos pautamos em algumas narrativas do primeiro escritor desta pesquisa, visibilizando suas experiências enquanto um pai de santo. Por meio das narrativas, é possível ao narrador, lembrar e apresentar o que lhe aconteceu de forma peculiar. Ao trazer os acontecimentos, constroem-se as realidades vivenciadas por aquelas e aqueles que contam as suas histórias e tudo aquilo que afeta a produção dessas realidades (ABRAHÃO, 2003).

Portanto, na próxima seção serão apresentadas e analisadas as narrativas de um pai de santo negro, gay e de classe popular frente as várias violências que ele vivenciou na sua constituição enquanto sacerdote do candomblé de nação Bantu.

### **Análises das narrativas de um pai de santo negro gay e jovem**

#### Breve apresentação do primeiro escritor deste trabalho

*Sou oriundo da cidade de Itaetê/BA, na Chapada Diamantina, cidade com, aproximadamente, 15 mil habitantes. Aos 16 anos, deixei minha família, em minha cidade natal, e fui para Jequié/BA, com o propósito de trabalhar e continuar os estudos. Trabalhei em uma fábrica de sapatos, mesmo sendo menor de idade, para me manter financeiramente, pois morava na casa de alguns parentes, precisava também enviar uma ajuda financeira para minha mãe para o sustento da casa, porque lá haviam ficado seis irmãos menores. Neste percurso, frequentei a igreja protestante durante sete anos, mas os conflitos pessoais e internos me afastaram da igreja. Logo após, passei a conhecer outros segmentos religiosos, como o espiritismo, até me encontrar nas religiões de matriz africana. Fui iniciado no candomblé, na cidade de Ipiaú, no Ilé Axé Aidan Sileuá, em 2008, como yôô para o orixá Oxóssi, senhor da caça e provedor de sua comunidade. Procurei cumprir minhas obrigações no terreiro e por determinação de pai Oxóssi, sou consagrado como Tata de Inkisse, após sete anos de iniciado, em 2016, posição em que exerço até hoje.*

Em seguida, apresentamos e discutimos três cenas que ele vivenciou e atravessam suas posições-de-sujeito enquanto pai de santo negro, gay e de classe popular.

## Primeira cena

*Uma das experiências vivenciadas ocorreu na cidade de Jequié/BA, em uma das minhas viagens para as funções de axé. Era um dia de sábado, eu, acompanhado de meus filhos, estava indo à feira comprar grãos para ebó. Saímos todos com nossas roupas e indumentárias de candomblé. De alguma forma, eu já imaginaria que sair com ojá na cabeça, fios de contas no pescoço e roupas brancas atrairiam muitos olhares e murmurinhos, mesmo havendo alguns terreiros de candomblé na cidade.*

*No meio do percurso deparo-me com um carro me “fechando”. Avistei uma mulher que saiu do carro, deixando-o ligado e com a porta aberta. Ela logo me chamou pelo nome. Fiquei assustado, mas como percebi que era uma pessoa conhecida, isso me deixou mais tranquilo.*

*Tratava-se de uma pastora de uma determinada igreja evangélica de Jequié. Ela me abraçou, começou a falar que me amava e que Deus também. Sem entender o que estava acontecendo, meus filhos se aproximaram para falar comigo. Ao retornar para o carro, ela se debruçou no volante, começou a chorar e fez uma oração clamando a Deus misericórdia. Eu perguntei se estava tudo bem. Ela disse sim e reiterou que Deus me amava e tinha um plano em minha vida. Neste momento, os carros buzonavam pedindo para liberar a pista, pois estávamos perto de uma ponte de acesso ao centro da cidade.*

Com base na cena acima e no pensamento de Poutignat e Streiff-Fenart (1998), quando se fala das questões-chaves sobre a etnicidade, podemos discutir que sair às ruas com as indumentárias dos terreiros como ojá, camisa e calça de *richelieu* e as contas significa anunciar não só uma determinada identidade religiosa em si, mas uma que diz da etnicidade negra. A identidade étnica-racial negra pode ser realçada quando se está com vestimentas associadas ao pertencimento dos povos de terreiro. Andar com um vestuário que evidencia uma identidade, como a de ser povo de santo, significa, de alguma forma, afrontar a vontade do Deus cristão, pois ali está se dizendo sobre o pertencimento do outro, do colonizado.

No momento em que a pastora vê o pai de santo e começa a falar dos planos de Deus, ela evidencia uma fronteira que os separa e os distancia. Naquele momento, a atribuição religiosa separa o pai de santo e a pastora, colocando-os em lugares distintos que, talvez, impeça o intercâmbio.

Entendemos que a cena vivenciada pelo primeiro autor do artigo nos convida a pensar o quanto os pais e mães de santo não são entendidos(as) como liderança religiosa, pois, em nosso país, ainda marcado pelo racismo e etnocentrismo religioso, o pai e a mãe de santo são descredibilizados(as) por

professarem uma religião de matriz africana ou afro-brasileira lida como feitiçaria, uma prática do mal.

Nessa primeira cena, a atitude da pastora em abordar o primeiro autor deste trabalho, na rua e constringendo-o, ao exclamar que Deus o ama, é uma forma de violentá-lo, de dizer que sua religiosidade afro-brasileira não é divina e quem escolhe ir para este caminho é um desviante, mas que, mesmo assim, haverá compaixão para com ele, pois como é dito por muitos(as): Deus tem um plano para você. Obviamente que o plano de Deus seria convertê-lo ao cristianismo.

A perseguição ao candomblé não é de hoje, talvez a violência esteja mais visibilizada que outrora, ou não. Nascimento (1978) já dizia que o projeto do colonizador é aniquilar, silenciar ou invisibilizar as culturas africanas, uma forma delas é a de inferiorizar os terreiros e, se possível, eliminá-los. Portanto, entendemos que o reconhecimento das religiões de matriz africana não aconteceu, havendo uma reconfiguração do projeto colonial, marcado, entre outras coisas, pela imposição do cristianismo em suas diferentes facetas.

Além desta primeira cena apresentada, o primeiro autor do texto também se deparou com um outro momento em que suas atitudes de pai de santo foram questionadas.

### **Segunda cena**

*Outra situação ocorreu em uma quarta-feira, do mês de maio de 2021. Um dos meus filhos de santo abiã, que tem um bori na minha casa de axé, estava inquieto para entender a dinâmica de uma casa de candomblé e a conduta de uma pessoa ainda não iniciada no segmento religioso. Ele pediu licença para entrar em meu quarto querendo conversar sobre as ações de axé. Em meio às conversas, ele olha nos meus olhos, o que me desconcertou, pois aprendemos que um filho de santo não deve encarar seu pai ou mãe de santo.*

*Segundo ele, quando me conheceu, não me viu como um pai de santo. Isso não me trouxe espanto, pois é algo que, não só ele, mas muitos não enxergam. Para ele, por eu ser muito jovem e irreverente, isto se distancia daquilo que se constrói em torno do que seja ser pai de santo. Ele me imaginava como aquele cara que, não vestia roupas comuns, não namorava, não transava, não dançava, bebia ou fosse pra rua curtir sua vida sem que o sagrado estivesse ali.*

A fala desse filho de santo nos traz várias inquietações: Como um pai de santo negro e gay é visto pela comunidade de axé e pela comunidade em que mora? Quais subjetividades são acionadas quando se pensa em um pai de santo?

A ideia de sacerdote que ele apresentou está ligada com o cristianismo ocidental, sobretudo o Catolicismo, em que o padre é tido como a pessoa imaculada, distanciada dos humanos e mais perto de Deus. Os sacerdotes da Igreja são tidos como o representante de Deus na Terra, sem pecado e sendo vistos como a perfeição que caminha conforme os dogmas da igreja. A ideia de santidade do clero cristão ainda é muito latente.

Tendo esse pensamento como parâmetro, o pai de santo tem de se produzir próximo aquilo que é visto como santidade para os cristãos: ser sério, severo nas palavras e orientações, não viver as coisas tidas como mundanas, como o prazer sexual, ir às festas, beber, se divertir etc. Assim, eu não poderia fazer nada que lembrasse o profano porque o meu papel aqui, mesmo tendo outro caminho religioso, era o de me aproximar ao Deus cristão.

Esta leitura sobre o que é ser um pai de santo negro e gay também foi vivenciado por Joãozinho da Gomeia, um dos pais de santo mais lembrado no Brasil. Também conhecido como Tata Londirá. Joãozinho iniciou-se muito jovem no candomblé de nação Bantu, em Salvador/BA, nos anos 1930. Por ser homem, homossexual e ter se iniciado, no chamado candomblé de caboclo, ele era muito criticado e tinha seu sacerdócio questionado, inclusive por mães de santo do candomblé, que, na época, contestavam a presença de homens como sacerdotes (MENDES, 2014; RODRIGUES, 2019).

Talvez, por ser pai de santo gay, afeminado e negro, bem como expressar, em alguns momentos, uma possível extravagância. Joaozinho da Gomeia foi criticado por quem era ou não de santo (CHEVITARESE; PEREIRA, 2016; RODRIGUES, 2019). Contudo, Joaozinho não concordava com os dizeres das pessoas e mencionou em um jornal que sua vida era muito regrada.

(...) um homem simples, vivo somente para duas coisas na vida: o candomblé e o carnaval. No mais, levo uma verdadeira vida de pai de santo, não vou ao cinema, nem ao futebol, não frequento botequins nem gafeiras; nem mesmo o society, apesar dos insistentes pedidos dos meus clientes. Não procuro ninguém; o povo é que me procura, e as portas do meu terreiro estão sempre abertas para meus amigos (FOLHA DA TARDE, 21/01/1957 apud MENDES, 2014, p. 63).

Essa resposta de Joaozinho também nos diz, de alguma forma, o que se esperava de um pai de santo na metade do século XX, o que talvez difira dos dias atuais. Por não frequentar espaços de lazer e entretenimento diversos e, em especial, festas, ele se entendia como alguém que levava uma vida adequada de

pai de santo. Pensando sobre a vida de Joazinho da Gomeia e também a do primeiro autor deste trabalho, talvez muitas(os) pessoas esperem que o pai ou mãe de santo tenha uma vida permeada por regras muito rígidas. Isso lembrou uma outra situação vivenciada pelo primeiro autor.

### **Terceira cena**

*Em uma quarta-feira, no início de carnaval, em fevereiro de 2020, no bairro de Ondina, Salvador/BA, eu fui bater um baba de saia, no qual os homens jogavam vestidos com roupas tidas como femininas e eu era a rainha do baba. Era o terceiro ano em que eu jogava neste baba. Já que alguns de meus filhos faziam performance de drag queen, eles se incumbiram de fazer a produção de roupas e maquiagem. O jogo acontecia normalmente, como nos outros anos, a rua ficava movimentada por conta desse evento e por ser uma avenida de carnaval. Durante o jogo, acontecia roda de pagode e a distribuição de uma feijoada feita com a colaboração dos participantes e convidados. Ao fim do futebol, saímos em procissão com carro de som e muita alegria. Neste momento, uma senhora, que passava na rua, disse com cara de repúdio: olha o pai de santo como tá! Vestido de mulher e rebolando até o chão! Naquele dia, não levei muito a sério o que ela falou, por ser um momento de comemoração.*

Esta situação vivenciada pelo primeiro autor do trabalho reitera, mais uma vez, o debate sobre quais devem ser os comportamentos, posturas e atitudes de um pai de santo. No pensamento daquela senhora e que pode também ser de tantas outras pessoas, um pai de santo não poderia “vestir-se de mulher”, quanto mais rebolar até o chão, pois, talvez, isso colocasse em xeque seu sacerdócio, diminuindo sua credibilidade enquanto um zelador de santo que, a princípio, deveria defender e exercer uma determinada moralidade ainda pautada no modelo cristão.

Ainda pensando sobre os estereótipos e a construção de modelos de ser pai de santo, recordamo-nos de um quadro no Programa de televisão do Chico Anysio dos anos 1980, em que ele produzia um personagem chamado Painho. Ele era um pai de santo negro e gay, que ficava rodeado de filhas de santo e, algumas vezes, de um rapaz mais jovem também gay que, supostamente, seria seu aprendiz, realizando seus caprichos. Painho foi produzido também como um pai de santo que assediava boa parte dos rapazes que adentravam o terreiro.

A imagem do Painho é uma produção discursiva de como o pai de santo era visto, na época e, talvez, ainda permaneça: gay, feminino, paquerador e que,

quase nunca, exerce sua prática religiosa, gerando uma aversão aos pais de santo e o seu não reconhecimento como líder espiritual. Esse pensamento foi construído não só na TV, mas também no imaginário social, marginalizando ainda mais essa população no contexto brasileiro.

### Considerações finais

As narrativas apresentadas pelo primeiro autor do trabalho apontam para uma reatualização da violência contra as religiões afro-brasileiras, que se iniciou desde o processo de colonização. Além da perseguição experienciada por muitos pais e mães de santo, como foi o caso de um dos escritores dessa pesquisa, ser pai de santo negro e gay significa também ter a sua sexualidade contestada e controlada, aproximando-se de uma compreensão cristã sobre o sacerdócio que, de alguma forma, anularia as vivências dos prazeres e da sexualidade. Portanto, talvez ser pai de santo negro, gay e de classe popular seja permanentemente resistir ao projeto de colonização ainda persistente em nossa sociedade.

### Referências

- ABRAHÃO, M. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**. Porto Alegre/RS, n.14, p. 79-95, set., 2003.
- CHEVITARESE, A. L.; PEREIRA, R. O desvelar do candomblé: a trajetória de Joãozinho da Gomeia como meio de afirmação dos cultos afro-brasileiros no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, n.26, p. 43-65, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.
- GASTALDI, A. B. F.; MOTT, L.; OLIVEIRA, M. D.; AYRES, C. S. L. S.; SOUZA, W. V. F.; SILVA, K. V. C. (orgs.). **Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil - 2020**: relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia. Florianópolis: Editora Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021.
- MALUNGO DE SOUZA, R. Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. **Antropolítica Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 34, p. 35-52, 2013.
- MENDES, A. O rei do candomblé nas páginas da revista: Joãozinho da Gomeia em O Cruzeiro (1967). **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, v. 4, n. 6, jun., 2014.
- MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.



PINHO, O. Relações raciais e sexualidade. In: PINHO, A.O. and SANSONE, L., orgs. **Raça: novas perspectivas antropológicas** [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 257-283.

POUTIGNAT, STREIFF-FENART, Philippe. Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo. Editora UNESP, 1998.

RODRIGUES, W. Um retrato de Joãozinho da Gomeia: algumas considerações sobre religião, gênero, raça e arte. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, ano IV, v. 1, n. 2, p. 41-53, 2019.

SANTOS, M. S. Retrospectiva antropológica sobre a homossexualidade nas religiões afro-brasileiras. **Interações**, v. 4, n. 5, p. 65-80, 2009.